

**Gravação: ep02\_bandolim\_vimeo\_2.0**

**Duração: [00:26:55]**

<b>Legenda</b>	<b>Descrição</b>
(- comentário aqui)	Comentários do transcritor, exemplo (- risos)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde inicia uma fala
(inint) [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Orador A	Marcos Suzano
Orador B	Não identificado ( <i>Luthier</i> )
Orador C	Não identificado

**Início da Transcrição [00:00:21]**

(instrumental) [0:00:00 – 0:00:21]

Orador A: O Som e o Silêncio é uma série com protagonistas da música brasileira. De um lado, os artesãos que dominam a arte da fabricação dos instrumentos; do outro, os músicos que encantam as plateias. Como se dá essa parceria, essa busca pelo som ideal? Essa é a pergunta que eu, Marcos Suzano, músico percussionista, pretendo investigar. Hoje é o dia do bandolim.

(instrumental) [0:01:08 – 0:01:16]

Orador B: “Ó pai, ó”

Orador C: Ô, garoto.

Orador B: Obrigado aí, cara.

Orador A: A gente vê aí, cara. Grande chegada, “porra”.

Rua Voluntários da Pátria, 45, 6º andar, Botafogo  
 Rio de Janeiro – RJ, CEP 22270-000  
 CNPJ: 23.923.180/0001-89  
 contato@transcritoja.com  
 21 3942-6699

Orador B: E aí, velho?

Orador A: Vamos embora, né?

Orador B: Vamos nessa?

Orador A: Vamos falar sobre o instrumento.

Orador B: Pronto.

Orador A: Engraçado que a gente fala sobre o instrumento e fala sobre o cara que faz o instrumento, mas tem uma hora que a gente também faz o instrumento, né?

Orador B: É verdade.

Orador A: Porque aí você fala: pô, eu acho que podia ser assim. Ou: o que que você acha disso? Aí eu... né? Aí começa o bate bola, o aperfeiçoamento.

Orador B: É bom você encontrar um cara que te entenda, né? Porque às vezes é difícil também. Ou o instrumento já é pronto ou o cara é irredutível, não, eu só faço instrumento desse jeito.

Orador A: É, eu entendi.

Orador B: Né?

Orador A: Tem que *swingar*.

Orador B: É tem que...

Orador A: Não tem saída.

Orador B: É, tem que... Porque é um trabalho em equipe, você vai tocar uma coisa que o cara também está botando o amor dele ali, né?

Orador A: E o ganho vai ser de ambos, né?

Orador B: Exatamente. Essa é a questão fundamental, né? O cara, a arte dele é fazer um bom instrumento, mas também não adianta ser bom para ele, tem que ser bom para ele e para o músico que vai tocar, né?

Orador A: É... Vamos lá. Fazer um sonzinho.

Orador B: Bora. (-riso) [0:02:31] Pegar o bandolim aqui. Trocar a corda, parece uma... antes eu era moleque, eu achava um saco trocar a corda, ficava tocando... falei: pu, vou ter que trocar a corda, trocar a corda. Hoje em dia é uma, é uma terapia. Eu fico trocando ela, em algum momento é um ritual aqui, é um momento que eu fico com ele e tal, converso com ele, para dizer que está tudo bem, que vai dar tudo certo. Agora ele fica caladinho aqui, por enquanto, depois, na hora de tocar, ele... ele responde mostrando o som da madeira, bonito... Querendo ou não, isso aqui é um ser vivo, é madeira, né? Você imagina que isso aqui viveu um dia, fez fotossíntese, respirou, deu fruto, deu... sabe? Bebeu água, né? Então acaba que ele também quando a gente viaja, que eu viajo muito assim, vou para lugares onde a temperatura é muito diferente, a umidade é muito diferente, ele muda também. Às vezes ele fica meio gripado, ele fica meio fanho assim (-risos) [0:03:53]. Você chega num lugar e pô, o bandolim, aí tu mexe, mexe, mexe, aí não adianta cara, você tem que tocar daquele jeito, achar o melhor som daquele jeito que está ali porque é tipo gripe mesmo, precisa de uns dois, três dias para passar. (-riso) [0:04:09] E esse momento de trocar a corda, eu acabo usando para isso, para ver como é que está, testa ali. Na hora que eu vou afinando, eu vou sacando qual é, como é que ele está hoje, qual é o humor dele. Afinal de contas, sem ele, eu não sou ninguém. Eu nem acho que eu tenha escolhido o bandolim, eu fui procurado pelas pessoas. Na época eu nem construía bandolim, eu fazia violão, cavaquinho e eu fui procurado pelo Hamilton, na época, me pedindo um bandolim de dez cordas. Eu lembro que eu até falei para ele: pô, mas eu não sei construir bandolim, eu nunca fiz. Ele não, mas “porra”, vamos tentar. Vamos tentar fazer assim mesmo. Quando o Hamilton me procurou, ele trouxe um bandolim que ele já tocava e pediu algumas modificações, né, por exemplo, do braço mais largo, que a mão dele pudesse ter mais conforto para tocar, que os dedos não se esbarrassem tanto. Ele precisava de mais potência, ele precisava de mais *sustain* e a gente foi discutindo isso: como poderia ser. Então eu acho que foi um... foi um trabalho conjunto, essa montagem desse bandolim de dez cordas.

Orador C: A partir daí, ele construiu esses dez. O primeiro, na verdade, depois fiz esse segundo e eu realmente me encontrei. É o som que eu quero ouvir. É o timbre que enche o meu coração, que me dá... é, me dá o caminho para eu fazer a música e encontrar emoção, que é o grande objetivo.

Orador B: O Hamilton é um cara que consegue tirar do instrumento, o máximo dele. Isso é uma coisa que ele também pensa dessa forma, sabe, a gente acredita que instrumento, ele vai ganhando a cara do músico, o som do músico. Ele vai se transformando, da maneira, conforme a maneira que ele é tocado. Ele é um cara que leva o instrumento ao extremo, em todos os sentidos.

(instrumental) [0:06:20 – 0:07:08].

Orador B: Quando a gente bota a corda no bandolim, normalmente... até em quase todos os instrumentos, a gente sofre uma decepção momentânea, porque quando o instrumento nasce, ele não tem som. É muito louco isso. A gente bota as cordas, começa a tocar e... hoje eu já acostumei com isso, mas no início batia até quase um desespero, você falava: caramba, cadê os harmônicos? Cadê o grave? Não tem. O som começa a vir em quinze dias começam a aparecer alguns harmônicos, alguns graves, mas ele vai adquirir uma maturidade maior, somente em assim quatro ou seis meses tocando. E alguns anos aí ele fica realmente um instrumento mais equilibrado, com um som mais maduro. O som do bandolim se modifica muito. Então, quando você me perguntou o que me evoca quando eu ouço o bandolim, quando ele fica pronto, é isso. Ele não é aquilo que está se mostrando, eu não sei ainda como ele é.

Orador C: A gente acha que já descobriu tudo, mas impressionantemente a gente não descobriu ainda tudo. E ainda bem que a gente não descobriu.

Orador A: É... Essa que é a jogada, né?

Orador C: Por isso que é bom.

Orador A: Isso que é chama, né? A fagulhazinha.

Orador B: Outro dia eu estava brincando com o bandolim, eu falei: (instrumental) [0:08:18 – 0:08:25] Eu nunca tinha feito esse acorde

Orador A: Entendi.

Orador B: Depois de trinta anos, eu: (instrumental) [0:08:28]

Orador A: Certo.

Orador B: Eu falei: opa.

Orador A: É...

Orador B: E aí...

Orador A: Uma cadência bonita.

Orador B: É linda, né?

Orador A: É.

Orador B: Eu falei: poxa. Ou seja, é isso que faz a gente viver.

Orador A: É.

Orador B: E procurar sempre, né? Procurar sempre alguma coisa nova.

(instrumental) [0:08:48 – 0:10:17]

Orador C: Agora, o bandolim cara, é a questão da minha vida na verdade, eu não sei o exato motivo, né, porque foi um presente de natal do meu avô, quando eu tinha cinco anos de idade, e aquilo... antes de eu aprender a ler e escrever, eu já estava tocando bandolim...

Orador A: Olha.

Orador C: Então foi uma coisa muito natural e...

Orador A: Entendi.

Orador C: E... em casa, até anteontem, não, semana passada, eu encontrei o meu pai, e ele falou: ó, você tem que contar essa história direito aí, porque, não vai esquecer do cavaquinho não. Porque na verdade...

Orador A: (risos) [0:10:47]

Orador B: Porque, na verdade, na... eu chegava na minha casa, Suzano, tinha um sofá assim, ali era um bandolim, um cavaquinho, um seis cordas, um sete cordas, um pandeiro e um teclado.

Orador : (inint) [0:10:59]

Orador C: É. E um órgão daquele que...

Orador A: Pedal...

Orador C: Com a pedaleira completa. E eu escolhi, ficava mais no bandolim. Tem uma fantasia na minha cabeça, porque o meu avô, ele e minha avó, eles gostavam muito daquela música do...

(instrumental) [0:11:15 – 0:11:18]

Orador A: Naquela mesa.

(instrumental) [0:11:19 – 0:11:21]

Orador A: Que o Sérgio Bittencourt fez para o Jacó.

Orador B: Fez para o Jacó.

Orador A: Para o pai, é.

Orador C: Que aí fala: naquela mesa tá faltando ele...

Orador É.

Orador C: E mais ou menos nessa época que ele me deu o bandolim, foi quando minha avó morreu, então eu não sei se ele...

Orador A: Ah, então isso tinha uma ligação.

Orador C: ...de alguma maneira, ele... É, tinha essa relação emocional com a música, que falava do bandolim. Ou se não, era uma coisa... porque antes de tocar o bandolim, eu tocava escaleta.

Orador A: Olha, que coisa.

Orador C: Escaletinha, só que era muito pequenininha, então não aguentava tocar muito tempo, o negócio do sopro ali... minha renite já não deixava, desde aquela época... (-risos) [0:11:53] e aí acabou sendo o bandolim. Então eu prefiro aceitar que o bandolim que me escolheu.

Orador A: É...

(-instrumental) [0:12:04 – 0:13:06]

Orador A: Que balanço, hein?

Orador B: Que beleza.

Orador A: Ô, Maravilha.

Orador C: Gravou? Gravou? Gravou?

Orador A: Gravou?

Orador B: É... (-risos) [0:13:11]

Orador C: Essa é o tipo da música que a gente pode ficar tocando durante umas três horas assim, né?

Orador A: Por aí. (-riso) [0:13:18]

(sem áudio) [0:13:18 – 0:13:36]

(instrumental) [0:13:36 – 0:13:45]

Orador B: Você não sabe às vezes nem afinar um instrumento, você não consegue discernir qual é o melhor instrumento. Você depende da opinião dos músicos, isso é muito comum. Você vê *Luthiers* presos...

Orador A: É.

Orador B: ... às opiniões dos músicos.

Orador A: É.

Orador B: E o que você vê? Que as opiniões, elas são variadas, cada um tem uma opinião diferente, cada um acha o seu instrumento, às vezes, melhor do que o do outro. E... qual é o instrumento melhor?

Orador A: É.

Orador B: Não existe isso.

Orador A: Não existe, é...

Orador B: Não existe isso, é a satisfação, é o ouvido. Está bom para você? Então, é isso.

Orador A: É.

(instrumental e ruídos de ferramentas) [0:14:16 – 0:14:38]

Orador B: Essa a cabeça do instrumento, é normalmente o que identifica o *Luthier* que construiu. É aqui que a gente faz o nosso desenho, que a gente faz a nossa marca, o rótulo fora do instrumento, né? Quando você olha a cabeça do instrumento, normalmente você já sabe de quem é.

(ruídos de ferramentas) [0:15:00 – 0:15:06]

Orador B: E é isso, curvar esse tanto. Essa madeira, ela olha..., você olha assim, ela é reta, mas ela vai ter que ficar curva, né? Essa é o... é a grande dificuldade do bandolim, é fazer essa curva sem quebrar a madeira, sem destruir as fibras dela. Essa é uma maneira que a gente... tem duas formas que a gente define se a madeira é boa, que é esse som aqui ó: (esfregando a madeira) [0:15:30 – 0:15:36]. Quando você esfrega a mão na madeira, você já escuta alguns harmônicos, por isso você já tem condição de dizer se a madeira...

Orador A: Vai funcionar...

Orador B: ...tem boa ressonância ou não. Uma outra forma é essa, que você tem um ponto certo que você pega ela, tem que achar esse ponto. (batida na madeira) [0:15:52 – 0:15:53]

Orador A: É... (riso) [0:15:53]

Orador B: E aí você acha um ponto que você consegue fazer ela vibrar melhor e você escuta ela também, se ela produz harmônicos, se não...

Orador A: Claro. Incrível.

Orador B: Então isso é muito importante. Não adianta você trabalhar com uma madeira ruim, você pode fazer um trabalho bom para caramba...

Orador A: E a madeira, ruim.

Orador B: Mas se a madeira, ela não transmitir esse som, ela pode ser linda até, mas se ela não tiver essa transmissão de som...

Orador A: Entendi.

Orador B: É perda de tempo, você vai...

Orador A: É inútil. É.

Orador B: ...fabricar um instrumento comum, uma coisa...

Orador A: É.

Orador B: Sem destaque, sem... então, a escolha do material, a escolha da madeira, ela é determinante. Ela é determinante.

Orador C: É, a madeira é tudo.

Orador A: Eu acho que é, é... fundamental.

Orador B: É...

Orador A: Esse é o que? Faia?

Orador B: É. É. Aqui, aqui na frente é pinho, mas aqui é faia, é o *mapple*, né? *Mapple* canadense.

Orador A: Ahã.

Orador B: Tem coisa que fica, né? Aquela coisa que fica, então é associado, quando você pensa no timbre do bandolim brasileiro, vem a faia na cabeça. Eu digo isso porque você vai nos Estados Unidos...

Orador A: Olha que coisa.

Orador B: ...tem aquele bandolim diferente.

Orador C: É.

Orador B: Você vai na Colômbia, você vai na Venezuela, já é um bandolim mais parecido com o nosso.

Orador C: É. É.

Orador B: É um misto do nosso com o...

Orador C: Com o quatro, com essas coisas, três, né?

Orador B: Três, que é cubano, né? E aí na Itália, na Alemanha, na França, na, na Europa, em geral, você já tem aquele modelo erudito...

Orador C: De amêndoa, né?

Orador B: É.

Orador C: Que tem a barriguinha pra trás...

Orador B: É.

Orador A: E você escolhe suas madeiras, você fica com elas, cuida delas, deixa elas quietinhas...

Orador B: É. Eu estava falando para o pessoal, eu estava com ela, eu já tenho essas madeiras aqui há...

Orador : Caraca, aí.

Orador B: Há, sei lá, mais de quinze, dezesseis anos, estão comigo há... há muito tempo.

Orador A: Qual que você gosta mais? Tem preferência, quer dizer, depende da finalidade, né?

Orador B: É. Depende do bandolim, que são essas madeiras aqui ó, por exemplo, esse aqui é a madeira que eu utilizo para o fundo e lateral, que é o *mapple*.

Orador A: É. É.

Orador B: Né? É o *flamed*, ele frisado, né? Que é... ele é mais denso, ele é mais duro, transmite essa (inint) [0:17:49] o som.

Orador A: E aí esse aqui... quer dizer, você pegou duas partes iguais...

Orador B: São duas partes. Abri a... você abre em livro, né?

Orador A: Você abre assim, né?

Orador B: Você faz uma abertura em livro...

Orador A: E aí faz essa conexão, né?

Orador B: Isso.

Orador A: Entendi.

Orador C: Elas guardam a mesma... a mesma direção.

Orador B: A mesma simetria. Isso é importante no instrumento. Ele é... por isso ele é... você pode perguntar: por que que não bota uma madeira inteira?

Orador A: Inteiriça, né?

Orador C: É.

Orador B: Por causa da simetria.

Orador A: Entendi.

Orador B: A gente busca essa simetria.

Orador C: Ah...

Orador A: E você chega assim, você faz um instrumento e aí quando acaba de fazer o instrumento, você dá aquela tocada, você fala assim: esse aqui está da pesada.

Orador B: Ah, tem uns que você sente...

Orador A: Você fala assim...

Orador Você sente que é, né?

Orador B: Você sente que é diferente. Sim, tem uns que você sente que, desde o início, são mais especiais...

Orador A: Entendi.

Orador B: E isso é uma coisa assim...

Orador A: Aí você fica olhando para ele e fala assim: esse aqui eu vou ficar... (-riso) [0:18:36] você sofre um pouquinho quando...

Orador B: Hoje em dia não. Eu já venci essa etapa, mas já tive. Ciúme mesmo, de ficar triste, de ficar... eu adoecia. O meu... durante muitos anos eu ficava doente mesmo quando eu entregava um instrumento. Alguns dias antes e alguns dias depois, eu demorava a me recuperar, eu sentia como uma doença mesmo. É como uma perda mesmo. Mas hoje não, hoje eu convivo bem com isso. Hoje eu fico... me dá mais felicidade do que ansiedade, com essa... com a entrega.

(instrumental) [0:19:09 – 0:20:13]

Orador C: Eu estava conversando com o Luisinho Barcelos ontem, né, eu falei, mas Luisinho, você acha que esse, esse negócio do bandolim, aquele formato, ele... formato de amêndoa e tudo o mais da época... Ele falou assim: não, inclusive dizem que era bom para as mulheres tocar.

Orador B: Exatamente. Porque retratava a época em que os corais de igreja, que era onde se praticava... música, assim, com as pessoas em geral, não tinha mulher no coral, elas não cantavam, então o bandolim, era um instrumento feminino e tinha esse formato redondinho...

Orador A: Interessante...

Orador B: ... porque justamente...

Orador C: Encaixava direitinho.

Orador B: Encaixava na roupa, no seio e tal.

Orador C: No seio...

Orador A: Olha que coisa incrível hein? (riso) [0:20:50]

Orador B: É. E, por exemplo, em francês e em espanhol, é... o bandolim, na verdade, é uma menina, né? *La mandolina*, em espanhol é, *La mandoline*, em francês.

Orador A: Que coisa incrível. Interessantíssimo.

Orador B: E em inglês é hermafrodita, né?

Orador C: É. Tanto faz.

Orador A: (riso) [0:21:30]

Orador B: Agora, em italiano, português é...

Orador C: É o bandolim.

Orador B: É o bandolino.

Orador A: É, *il bandolino*, é. E esses compositores, tipo Vivaldi, esses caras escreveram...

Orador B: Escreveram né?

Orador C: Porque o movimento do segundo com é... (instrumental) [0:21:23 – 0:21:50]

Orador B: O bandolim era o instrumento de solo, ele foi ganhando notoriedade mais tarde, com o Jacó, principalmente, né? E agora com o Hamilton, que usa ele de uma forma totalmente diferente, né? Quando ele botou o quinto par de cordas, ele... e ele utiliza o quinto par de cordas como recurso de verdade, não é só usando a corda solta, ele faz muita inversão de acorde e isso possibilita outros usos. Ele hoje está aplicando o instrumento e ele toca *Jazz*, ele toca qualquer coisa com o instrumento. Ele mudou muito a aplicação, o tipo, o modo de tocar. O Hamilton apresentou uma coisa nova realmente, na utilização do instrumento.

(instrumental) [0:22:38 – 0:24:50]

Orador A: Uh. Essa é das fortes de fazer.

Orador B: É, pode ser.

Orador C: Boa tarde.

Orador C: Eu ando querendo fazer um bandolim mais grosso, cara. Sabia?

Orador B: Mais grosso como? Maior caixa? Maior?

Orador C: Não, madeira mais grossa, para poder... tipo semiacústica.

Orador B: Tipo guitarra semiacústica?

Orador C: Eu ando com essa vontade, porque... para ter mais volume, né cara? É difícil tocar muitos sons e ainda conseguir manter um timbre... eu me viro assim, aos montes porque... dependendo do tipo de palco, a vibração dos outros instrumentos é tão forte que o bandolim não aguenta. Eu fico pensando que se for um pouco mais grosso, ele aguenta um pouco mais. E mantém o timbre.

Orador B: É, o problema é esse, que se ele for mais grosso, ele tende a perder o grave, né? Quanto mais grossa a madeira, mais para o agudo o instrumento vai ficar.

Orador C: Fica.

(instrumental) [0:26:03 – 0:26:18]

Orador B: Esse aqui, tu vai viajar com ele também?

Orador C: Não. Eu posso até deixar com você.

Orador B: Deixa comigo então, pega na volta, que aí eu aproveito e dou uma olhada nele com calma, se faltou alguma coisa.

Orador C: Esse aí já tem catorze.

Orador B: Catorze anos...

Orador C: É. Catorze anos têm esse bandolim. É um adolescente. (-riso) [0:26:42]

(instrumental) [0:26:42 – 0:26:50]

**Fim da Transcrição [00:26:50]**